

A GRAMÁTICA DA DOR EM WITTGENSTEIN

THE GRAMMAR OF PAIN IN WITTGENSTEIN

Daniel Melo¹

¹ Graduando em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: danielmelo912@hotmail.com.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9549620311126410>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-4886-1032>.



RESUMO: Wittgenstein, em seu período intermediário, nos diz que a aplicação da linguagem comum-fisicalista ao dado imediato dos sentidos produz “erros filosóficos”. Essa aplicação afeta diretamente (mas não só) o tipo lógico-gramatical dor. Neste artigo busco descrever este tipo lógico-gramatical em seus constituintes fundamentais: intensidade, localização e característica. Investigo e me proponho a resolver, também, as dificuldades geradas pela aplicação mencionada, da linguagem comum ao dado imediato, relativas a este tipo. Para colocar em duas perguntas: como é possível verificar as sentenças acerca da dor? Como podemos nos expressar e sermos compreendidos nessa sensação dolorosa em nossa linguagem comum-fisicalista? Para tal fim, argumento contra a posição de D. Stern quanto a sua reconstrução da discussão e aprimoro a posição de Child.

Palavras-chave: Lógica. Gramática. Dor. Sensações. Linguagem.

ABSTRACT: Wittgenstein, in his middle period, tells us that the application of common-physicalist language to the immediate data of the senses results in "philosophical errors". This application affects directly (but not only) the logical-grammatical type pain. In this article, I aim to describe this logical-grammatical type in its fundamental constituents: intensity, location, and characteristic. I also investigate and propose to resolve the difficulties generated by the mentioned application, from common language to immediate data, concerning this type. To put the issue into two questions: how is it possible to verify propositions about pain? How can we express ourselves and be understood in this painful sensation within our common-physicalist language? To that end, I argue against D. Stern's position regarding his reconstruction of the discussion and refine Child's position.

Keywords: Logic. Grammatic. Pain. Sensations. Language.

INTRODUÇÃO

Wittgenstein nos alerta: “Os piores erros filosóficos sempre surgem quando tentamos aplicar a nossa linguagem cotidiana – a linguagem física – ao campo do imediatamente dado” (OF 57, 2005, p.22)². Com essa aplicação conceitos como “eu”, “tempo” e “dor” são mal compreendidos, nascem posições filosóficas carentes de sentido como o solipsismo instantaneísta (derivado direto da má compreensão do tempo) e temos confusões como aquelas entre subjetivo e objetivo (como no caso do espaço visual; OF 71, 2005, p.29).

D. Stern (1995, p.141-142 e p.154) nos diz que Wittgenstein vislumbrou dois “reinos” separados, incomensuráveis e isolados, um físico e outro fenomenológico e, a partir disso, encontrou caminhos estreitos que podiam fazer alguma conexão entre ambos, mas sem os ligar ou sobrepor. Sendo que a linguagem pertencente ao primeiro desses reinos, o físico. Assim, por esses caminhos (que veremos em mais detalhes na parte (4) deste artigo), poderíamos resolver os problemas nos conceitos, nas posições filosóficas e lançar luz nas confusões geradas pela aplicação da linguagem comum ao dado imediato.

Por outro lado, Child (2018, p.141) defende que Wittgenstein busca uma compreensão da relação entre primeira e terceira pessoa (ou entre fenomenologia e física) relativo a palavras que envolvem sensações. Ou seja, Wittgenstein não explora apenas os caminhos estreitos entre dois “reinos”, mas busca mediar a linguagem comum e o dado imediato *através de sua gramática, não se restringindo apenas às palavras relativas a sensações* (acrescento).

Perseguirei neste artigo um dos conceitos (ou pseudoconceitos como veremos em (1.1)) diretamente afetados pela aplicação da linguagem comum ao dado imediato: o tipo lógico-gramatical dor. Tratarei de descrevê-lo em seus componentes (intensidade, localização e característica) na parte (2) e, na parte (3), mostro como tal tipo é diretamente afetado e as complicações que podem ser acarretadas. Na parte (4) tomo partido da posição

² Não só aqui como no restante do artigo abreviarei o livro *Observações Filosóficas* de Wittgenstein, da editora Loyola, por OF. Após tal abreviação indico o número da passagem, o ano da edição e a página. – Vale ressaltar que OF se situa no período intermediário da obra de Wittgenstein, ou seja, após o *Tractatus Logico-Philosophicus* (2020) (originalmente publicado em 1921) e, do artigo, *Algumas observações sobre a forma lógica* (2012) (originalmente publicado em 1929, ou seja, após o retorno de Wittgenstein a filosofia) e antes das *Investigações Filosóficas* (1979) (originalmente publicado em 1953).

de Child e faço algumas correções a ela. Mostro, também, aproveitando os desenvolvimentos do tipo lógico-gramatical dor, porque Stern se engana na sua reconstrução da postura de Wittgenstein relativo ao problema apresentado.

Para que possamos chegar às partes (2), (3) e (4) dedico a parte (1) a compreender as ferramentas conceituais disponíveis a Wittgenstein nas *Observações Filosóficas* (2005). Essas ferramentas nos fornecerão, mais tarde, a possibilidade de compreender o que é o tipo lógico-gramatical dor, a dificuldade gerada nesse tipo pela linguagem comum aplicada ao dado imediato, o porque a posição de Child precisa de ajustes e porque a reconstrução de Stern é equivocada.

Antes de passarmos a (1) cabe, brevemente, apresentar como surge a dificuldade entre linguagem comum e dado imediato em Wittgenstein e exemplificar a diferença entre ambos. No capítulo 5 do *Comentário as observações filosóficas* (NETO, 2017)³ temos três linguagens presentes no *Tractatus Logico-Philosophicus* (TLP): a linguagem comum, a linguagem completamente analisada e a linguagem da mecânica. Com a preocupação crescente de Wittgenstein com a fenomenologia e com a desistência de uma linguagem completamente analisada, B. Neto nos diz que essa oposição passa a ser apenas uma: entre a linguagem comum-fisicalista e a fenomenologia. Além da aproximação com a fenomenologia, outro fator que pode ter propiciado a união das duas linguagens (mecânica e comum) é a própria proximidade das duas, com nossa linguagem comum envolvendo elementos que remetem ao escopo da física (NETO, COF, 2017, p.119). Para exemplificar tomemos a seguinte imagem:⁴



Se tomamos esse dado D6 com a linguagem comum-fisicalista, temos um cubo, com seis lados. Apesar de não vermos o lado um, dois e quatro, supomos por hipótese que estão presentes. Se ao contrário tomamos esse dado com a fenomenologia, podemos afirmar

³ Comentário às Observações Filosóficas será abreviado, daqui em diante, por COF. Por ser um livro com vários autores, coloco primeiro o nome do autor do capítulo, seguido de COF, do ano e da página.

⁴ Imagem de minha própria autoria.

apenas o que está dado imediatamente, como: “vejo um quadrado branco com cinco bolinhas pretas ordenadas em x”, “vejo um quadrado branco com três bolinhas pretas ordenadas na diagonal” e assim por diante. A fenomenologia, os dados imediatos, não admitem hipóteses. Compreenderemos melhor esse ponto a seguir em (1.2).

1 O PROJETO GRAMÁTICO FENOMENOLÓGICO

Nessa parte (1) apresento as ferramentas conceituais que Wittgenstein tinha à disposição nas *Observações Filosóficas* e descrevo o projeto gramático-fenomenológico. Essa apresentação e descrição serão fundamentais para compreendermos o que vem a seguir: em (2) o que é o tipo lógico-gramatical dor, em (3) como esse tipo é afetado pelas dificuldades geradas pela aplicação da nossa linguagem comum ao dado imediato e, em (4), porque a reconstrução de Stern se equivoca.

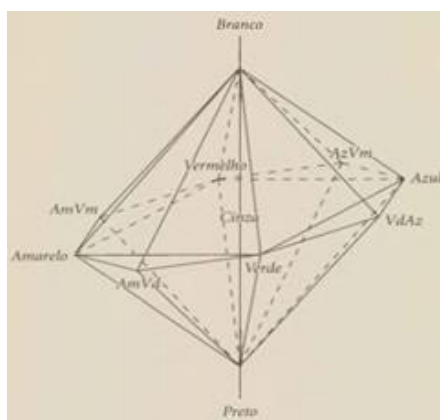
Teremos algumas subseções, cada uma relativa a uma ferramenta. Em (1.1) trato do que é um tipo lógico-gramatical e suas ligações com sistemas proposicionais e “espaços”. Em (1.2) trato de proposições-hipóteses, vinda da linguagem comum-fisicalista, proposições-elementares, vindas da fenomenologia. Em (1.3) trato da concepção pictórica da linguagem e o princípio do contexto. Em (1.4) trato da intenção na gramática e o verificacionismo de explicitação.

1.1 Os tipos lógico-gramaticais, os sistemas proposicionais e os espaços⁵

A gramática de Wittgenstein partilha dos mesmos objetivos do TLP: delimitar os limites do sentido, eliminar obscuridades da linguagem e assim, por conseguinte, eliminar os problemas filosóficos (OF 1 e 2, 2005, p.37-8). Apesar dessa proximidade, a gramática se distingue ao não pressupor nenhum simbolismo para tal fim. Se ela usa simbolismos, ou reaproveita simbolismos (como é o caso do Octaedro das Cores que veremos abaixo), utiliza apenas de maneira auxiliar (OF 3, 2005, p.38).

⁵ Seguirei aqui a argumentação de Engelmann apresentada no capítulo 2 de COF (2017). Exceto onde aponto o contrário.

Mas o que é a gramática? Wittgenstein nos responde sucintamente: a gramática é uma teoria dos tipos lógicos (OF 7, 2005, p.40). Temos tipos lógicos com conceitos formais (ou pseudoconceitos) como: número, som, cor, dor, espaço, tempo etc. E em cada um deles, temos regras retiradas da fenomenologia que nos permitem montar proposições com sentido e a reconhecer contrassensos. Tomemos o tipo lógico-gramatical “cor” para exemplificarmos o nosso ponto. As regras para a construção de proposições com sentido e as possibilidades (fenomenológicas) combinatórias das cores são expressas através do octaedro das cores, mostrado na imagem abaixo⁶:



No octaedro temos quatro cores fenomenologicamente primárias: amarelo, vermelho, azul e o verde. Temos expressas as combinações possíveis entre essas cores: entre o vermelho e o amarelo, o amarelo e o verde, o verde e o azul e suas gradações entre claro e escuro, se se aproximam mais do branco ou do preto. Além disso, temos impossibilidades combinatórias, como entre o verde e o vermelho, o amarelo e o azul. Cabe enfatizar que são impossibilidades fenomenológicas, em nossa experiência imediata, e não uma impossibilidade química, pois nesse segundo sentido, não é impossível combinarmos amarelo e azul com tintas ou lápis de cores. Também, não se trata de uma investigação psicológica (OF 1, 2005, p.37) e sim das possibilidades fenomenológicas (*a priori*) de articulação do conceito “cor” (WVC, 1979, p.63).⁷

⁶ Imagem retirada das Observações Filosóficas (2005, p.229). Apesar de ser um simbolismo reaproveitado do projeto seguinte ao TLP, o projeto da linguagem fenomenológica, nos servirá bem em seu reaproveitamento para ilustrar o que Wittgenstein compreende por tipo lógico-gramatical.

⁷ Daqui em diante cito *Wittgenstein and the Vienna Circle* (1979) por WVC. Vale observar que se trata de um livro do Waismann anotou diálogos ocorridos entre Wittgenstein e os integrantes do círculo de Viena. Para mais informações, ver bibliografia.

Assim, estão dadas as regras para criarmos proposições com sentido referentes ao tipo lógico-gramatical “cor”, bem como podemos identificar contrassensos. Proposições como “O pássaro é azul-esverdeado”, “O gato é preto” e a “A árvore tem folhas verde-amareladas” respeitam às regras, descrevem certos estados de coisas do mundo e possuem valor de verdade. Já um contrassenso quebra as regras impostas pelo Octaedro, por exemplo a seguinte construção: “A porta é verde-avermelhada”.

O leitor apressado poderia concluir o seguinte: “Compreendi! O tipo-lógico gramatical ‘cor’ representa uma propriedade comum e essencial as cores”. Sua conclusão, porém, está equivocada. Mas não podemos atribuir apenas a tal leitor a responsabilidade pelo equívoco. Não explicitarei a noção de conceito formal ou pseudoconceito, dito acima. – Um conceito formal não expressa uma propriedade ou algum conceito real referente a algo, tal conceito apenas indica uma estrutura comum, por exemplo, o octaedro das cores. Indica apenas as regras as quais o tipo-lógico cor e seus componentes (vermelho, amarelo, azul e etc.) partilham em comum. Como Engelmann coloca: “Regras, contudo, não descrevem, mas determinam o sentido de descrições” (COF, 2017, p.45). Temos as regras que delimitam o sentido (as possibilidades de proposições com sentido) do tipo “cor”. Nas palavras de Wittgenstein: “Usar o octaedro com a representação oferece-nos uma visão simultânea do todo e das partes das regras gramaticais” (OF I, 2005, p.38).

O leitor apressado, porém, quer persistir em seu erro e continua tomando “cor” como uma propriedade. Ele nos fala de “proposições” como (a) “vermelho é uma cor” e (b) “vermelho é um som”, onde “cor” parece operar como uma propriedade. A isso respondo: se tomarmos “cor” como uma propriedade como acontece na “proposição” (a) e tomarmos, também, a “proposição” (b) como uma *descrição* impossível, não poderíamos excluir a possibilidade de encontrarmos no universo alguma coisa a qual se aplicaria também essa propriedade. Pois, se ambas são descrições, ambas têm valor de verdade e são, assim, verdades contingentes e nada nos impede que venhamos a falsificá-las. Se tomarmos “cor”, assim como os outros conceitos que indicam tipos lógico-gramaticais (número, espaço, tempo, dor, som etc.) como conceitos formais, ou seja, como regras que não descrevem algo mas determinam o sentido das descrições (como dito anteriormente), está vedado a possibilidade de encontrarmos algo no universo que falsifique as “proposições” (a) e (b). – Não precisamos mais chamar (a) e (b) de proposições como queria o leitor apressado,

podemos chamá-las pelo nome correto, contrassensos: (a) é um contrassenso trivial e (b) um contrassenso impossível.

Remediadas as precipitações, cabe esclarecer ainda dois aspectos da gramática: como podemos delimitar os tipos lógico-gramaticais e como esses tipos se ligam a sistemas proposicionais e “espaços”. Sobre o primeiro tópico, o critério para a delimitação de um tipo lógico-gramatical é a substitutividade contextual (no contexto proposicional).⁸ Se tenho, por exemplo, a proposição “a bola é metade verde e metade amarela”, posso substituir “verde” e “amarelo” por preto, azul, vermelho, verde escuro e etc. Mas, se substituo verde por “agudo” e “amarela” por ruidosa, tenho um contrassenso e o mesmo acontece se digo “a bola é completamente verde e completamente amarela”. As palavras “agudo” e “ruidosa” pressupõem o tipo lógico-gramatical som, enquanto a proposição inicial pressupõe tanto o tipo lógico-gramatical cor (o octaedro das cores) quanto o tipo espaço visual. Os tipos lógico-gramaticais determinam onde as palavras podem aparecer com sentido e, então, se o critério para delimitar tais tipos é a substitutividade contextual, o agrupamento de todas as regras da gramática delimita os tipos.

Sobre o segundo tópico, tipos lógicos delimitam sistemas proposicionais. Nos sistemas proposicionais, como no caso das cores, temos as proposições possíveis que o tipo assegura através de suas regras e temos as proposições que se excluem (como “a bola é completamente verde e completamente azul) e assim por diante.

Sobre os “espaços”, estes estão ligados à verificação de determinados tipos de sentenças, conseqüentemente, fazem a ligação entre linguagem e mundo (verificação).⁹ Cada um dos espaços está ligado a um dos sentidos (ou a sensações como veremos em (2.4)) e deles recebemos as evidências para a verificação de uma proposição (OF 23, 2005, p.50; OF 33, 2005, p.55; OF 119, 2005, p.118-9). Por exemplo, se digo “o céu está cinza” a sentença contém o tipo “cor” (com a palavra cinza) e aponta para um sentido específico para sua verificação, para um espaço, ou seja, o espaço visual. Verifico se a sentença é verdadeira ou falsa olhando para o céu e reconhecendo se ele está ou não cinza.

⁸ O princípio do contexto será tratado em (1.3).

⁹ Sigo aqui, também, Ometita (2018, p.155).

1.2 Proposições-hipóteses e proposições-elementares¹⁰

Nossas sentenças da linguagem ordinária são em sua maioria proposições-hipóteses, isso por duas características: (a) elas podem ser verificadas de várias maneiras ou, em outras palavras, há mais de um método de verificação para confirmá-las ou falseá-las (WVC, 1979, p.97) (o que é a verificação ficará mais claro em (1.4)); (b) elas possuem pontos de confirmação nas proposições elementares, sendo essas últimas vindas dos sentidos, do dado imediato. Nossas proposições ordinárias (proposições-hipóteses) possuem a particularidade de serem hipóteses que não podem ser definitivamente verificadas (OF 228, 2005, p.235-6). Já as proposições-elementares, como já dito, são descrições fenomenológicas dos fenômenos, não dependem de outras proposições para se confirmarem e não possuem hipóteses (WVC, 1979, p. 97).

Para exemplificar podemos pensar na seguinte proposição-hipótese: “o carro do senhor G está na rua”. Temos várias maneiras de verificar essa proposição: posso sair na rua e olhar se o carro do senhor G realmente está lá, posso ouvir o barulho do motor ou da buzina deste mesmo carro e verificar minha hipótese, posso tatear o carro, posso ligar para um outro vizinho e pedir para ele verificar se há algum carro e assim por diante. Podemos verificar de várias maneiras a proposição sem esgotar as possibilidades de verificação, sem chegar a uma verificação definitiva. Cada verificação vem de uma sentença elementar tal como “ouço uma buzina”, “ouço o barulho do motor de um carro”, “vejo um carro na rua” entre outras.

Para concluirmos, proposições-hipóteses necessitam de proposições-elementares para serem proposições, pois, caso contrário, tais não possuiriam verificação, sendo assim contrassensos (isso ficará mais claro adiante). Proposições-elementares também precisam de uma proposição hipótese para ter alguma função.

¹⁰ Seguirei aqui a argumentação de Engelmann apresentada no capítulo 1, na seção 5 (p.31-6), de COF (2017). Exceto onde aponto o contrário.

1.3 A concepção pictórica da linguagem e o princípio do contexto¹¹

Assim como no TLP, a principal função da linguagem para Wittgenstein continua sendo descritiva/representativa (como fica evidente no capítulo 2 das OF) e as proposições e suas respectivas ligações continuam estando logicamente ligadas (veremos esse ponto melhor em (2.1)). Wittgenstein assume na gramática certa concepção do princípio do contexto. Tal princípio estabelece que uma palavra só tem seu significado dentro de uma unidade mínima de significado, que é a sentença (ou proposição). Nas palavras de Wittgenstein:

Se dizemos “Uma palavra tem significado no contexto de uma proposição”, então isso significa que é somente em uma proposição que ela funciona como palavra, e isso não é alguma coisa que possa ser dita mais do que se pode dizer que uma poltrona só serve a seu propósito quando está no espaço (OF 12, 2005, p.44).

Uma palavra só tem significado no contexto de uma proposição: isso é como dizer que somente em uso um bastão é um a alavanca. Somente a aplicação a transforma em alavanca (OF 14, 2005, p.44)

Sem esse princípio somos obrigados a atribuir a cada palavra uma imagem mental consequência que o filósofo pretende evitar, visto que sua investigação gramatical não se pretende psicológica.

Com esse princípio está ainda aberta a possibilidade de concebermos a proposição como um fato figurativo. A proposição (sentença) é um fato que representa outro fato. A palavra dentro de uma sentença tem um papel análogo a um objeto em uma maquete: assim como os objetos, as palavras podem ter funções diversas, porém, em seus devidos contextos objeto e palavra ganham significado/sentido (como Wittgenstein mesmo sugere nas citações acima).

¹¹ Seguirei aqui a argumentação do capítulo 4, seção 2, de Engelmann presente em COF (2017, p.84-90). Exceto quando aponto o contrário.



1.4 A intenção e o verificacionismo de explicitação¹²

A especificação de um estado de coisas a ser representado pelas sentenças se dá pela intenção do falante, ou seja, o estado de coisas é estabelecido pelo que o falante pretendia dizer, ou, como coloca Wittgenstein: “O que é essencial à intenção é a figuração: a figuração daquilo que se pretende” (OF 21, 2005, p.49). A intenção traz o elemento normativo da linguagem, estabelece as funções que as palavras devem assumir em uma sentença e as regras que o falante deve seguir para dizer uma proposição com sentido.

Retendo os elementos que até agora foram ditos sobre o projeto da gramática, podemos estabelecer como Wittgenstein atinge seu fim e estabelece os limites do sentido. Ele nos diz: “Entender o sentido de uma proposição significa saber como a questão de sua verdade ou falsidade tem de ser decidida” (OF 43, 2005, p.16). O significado de uma proposição, então, está ligado ao modo (ou método) de como a verifico. Mas como verificar? Wittgenstein também nos responde:

Queria dizer: para toda pergunta há sempre um método correspondente de descobrir [a resposta]./ Ou, pode-se dizer, um a pergunta denota um método de procura./ Só se pode procurar em um espaço (OF 43, 2005, p.16).

A experiência decide se uma proposição é verdadeira ou falsa, mas não [decide sobre] seu sentido (OF 23, 2005, p.50).

Tomemos a seguinte proposição: “o gato preto está na sala”. Temos uma proposição-hipótese com variadas maneiras de ser verificada, mas, todas as maneiras que temos de a verificar, se ligam as sentenças-elementares que são descrições dos fenômenos vindas dos sentidos, ou dos espaços tais como visual, auditivo, tátil e etc. A proposição pode ser verificada pelas seguintes sentenças: “vejo um gato preto” (espaço visual), “ouço um miado vindo da sala” (espaço sonoro), “sinto pelos nas mãos, tateio uma cauda” (espaço tátil) e assim por diante.

A proposição só é tornada verdadeira ou falsa pela experiência, porém, seu sentido já está previamente dado se sabemos o modo como podemos a verificar. Primeiro

¹² Seguirei aqui a argumentação de Engelmann presente no capítulo 4 de COF, especificamente das seções 3 e 4 (p.90-6).

esclarecemos a proposição reconhecendo os tipos lógico-gramaticais que nela ocorrem e as regras que esses mesmos estabelecem (OF 28, 2005, p.52-3) e, a partir disso, temos o estado de coisas que deve acontecer (ou não) para que a proposição seja verdadeira (ou falsa).

Assim, podemos falar da proposição como modelo e expectativa. Comparamos a proposição (sentença) com a realidade, com um fato (ou estados de coisas no mundo) e então decidimos se o fato falsifica ou torna verdadeira a proposição. Comparamos um fato figurativo com o fato figurado, um modelo com o fato a ser modelado ou uma régua ao que precisa ser medido (OF 43, 2005, p.16). Em posse do modelo, temos a expectativa de que ele se adeque a realidade, por exemplo, quando temos uma maquete e temos a expectativa que ela figure (represente) um certo ambiente. Então, quando a comparamos com a realidade, somos satisfeitos (preenchidos) ou frustrados (OF 28, 2005, p.10).

Podemos pensar no senhor G que ouviu pela manhã sua esposa dizer que faria um bolo à tarde. Ele, querendo presentear, vai atrás de uma boleira. Após buscar em várias lojas, ele encontra uma boleira redonda e decide levar. Quando chega em casa, porém, se depara com um bolo retangular. Ele tinha a expectativa que a boleira redonda iria comportar o bolo que sua esposa mencionou pela manhã, mas foi frustrado quando constatou que o formato da boleira não correspondia com o formato do bolo.

2 A GRAMÁTICA DA DOR

Com a parte (1) concluída, temos as ferramentas para compreendermos o tipo lógico-gramatical dor. O explorarei primeiro em seus componentes: (2.1) a intensidade, (2.2) a localização no corpo e (2.3) a característica da dor¹³ e, em seguida, tratarei das possibilidades combinatórias determinadas pelas regras desse tipo e dos seus contrassensos (ou a quebra de suas regras) em (2.4).

¹³ Os três componentes do tipo lógico-gramatical dor vieram de OMETITA (2018, p.154).

2.1 A intensidade

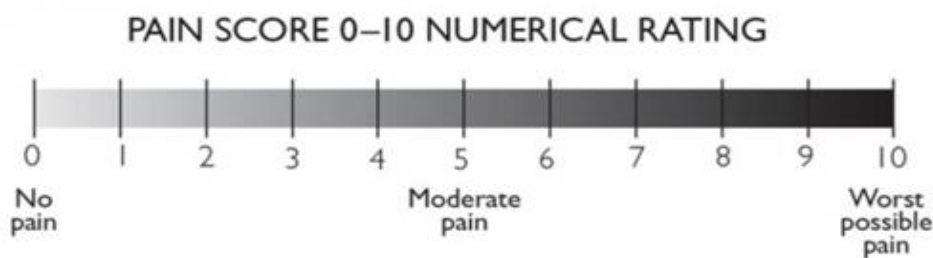
Esse componente do tipo lógico dor se conecta diretamente ao que adiantamos em (1.3): uma proposição está ligada formalmente a sua negação. Compreendemos “ele sente dores” se compreendemos “ele não sente dores”, ambas proposições estão no mesmo sistema proposicional delimitado por seu tipo lógico (OMETITA, 2018, p.147-148; OF 62, 2005, p.24). A “dor”, ao ocorrer em uma sentença, nos remete ao seu tipo lógico-gramatical e, assim, nos impede de a concebermos como uma mera sensação.¹⁴ Caso a dor fosse uma mera sensação, não conseguiríamos reconhecer quando ela está ausente. “Seria contrassenso dizer que sentimos a ausência de dor” (ENGELMANN, COF, 2017, p.98). Nas palavras de Wittgenstein:

“Não tenho dor de estômago” pode ser com parado com a proposição “Estas maçãs não custam nada”. O importante é que elas não custam nenhum dinheiro, não que elas não custam nenhuma neve ou nenhum problema. O zero é o ponto zero de uma escala. E, com o não me pode ser dado nenhum ponto no padrão sem que me seja dado o padrão, sem isso não me pode ser dado tampouco seu ponto zero. “Não tenho uma dor” não se refere a uma situação em que não se pode falar de dor; pelo contrário: estamos falando de dor. A proposição pressupõe a capacidade de sentir dor, e esta não pode ser uma “capacidade fisiológica” (pois, se fosse, com o saberiam os de que capacidade se trata?), é uma possibilidade lógica. Descrevo meu estado atual referindo-me a algo que não é o caso. Se essa alusão é necessária para a descrição (e não mero ornamento), tem de haver algo no meu estado atual que torne necessária essa referência. Comparo esse estado com outro; portanto, tem de ser comparável com ele. Ele também tem de estar localizado no espaço da dor, mesmo que em um ponto diferente. — Caso contrário, minha proposição significaria algo como: o meu estado atual não tem nada a ver com o estado doloroso, mais ou menos com o se diria que a cor desta rosa não tem nada a ver com a conquista da Gália por César. Isto é, não há nenhum a conexão entre elas. Mas quero dizer precisamente que existe uma conexão entre o meu estado atual e um estado doloroso (OF 82, 2005, p.93)

Assim, fica evidente que a intensidade no tipo lógico dor é uma escala que compreende também o zero (o zero de dor, o estado de sua ausência). Isso pela própria lógica do tipo e não por menção a algo empírico. Veremos mais adiante, em mais detalhes, do que se trata o referido “espaço das dores”.

¹⁴ Conceber a dor como uma sensação assim como queria Russell em *Outline of Philosophy* (1951, p.133).

A fim de representar visualmente o componente da intensidade do tipo lógico dor, trago a imagem abaixo:¹⁵



Tal imagem é uma escala numérica de avaliação de dores utilizada por profissionais da saúde tais como médicos e fisioterapeutas. Em “0” temos o momento de ausência de dor, seu grau zero, em “5” temos uma dor moderada e em “10” a pior dor possível. Apesar da escala ser baseada em pesquisa empírica e a investigação da gramática da dor ser *a priori*; apesar, também, de Wittgenstein tratar simbolismos como algo não essencial na gramática; essa escala nos dá uma boa noção do que foi dito nos parágrafos imediatamente acima. Com os próximos componentes do tipo lógico-gramatical dor que apresentarei e suas respectivas representações visuais, poderemos ter algo assim como o Octaedro é para as cores, uma “representação oferece-nos uma visão simultânea do todo e das partes das regras gramaticais” (OF 1, 2005, p.38).

2.2 A localização

A localização da dor está diretamente ligada ao corpo (com exceção dos casos de dores fantasmas que veremos abaixo). Podemos distinguir as dores, agora, além da intensidade, através de sua posição no corpo (OMETITA, 2018, p.154). Tanto para sustentar quanto para exemplificar esse ponto, podemos recorrer aos variados termos técnicos que, em suas definições, abrigam em si a dor e alguma parte do corpo, temos: cefaléia (dor de cabeça), cólica (dor abdominal), lombalgia (dor nas costas), otalgia (dor de ouvido), podialgia (dor no pé), mastalgia (dor nos seios), dor cervical (dor no pescoço), entre outros.¹⁶

¹⁵ A escala foi retirada do site Physiopedia (ver bibliografia).

¹⁶ É certo que não precisamos saber desses termos técnicos para falarmos de nossas dores. Como disse, os termos apenas reforçam a ligação lógica entre dor e localização no corpo e exemplificam o ponto.

2.3 A característica

Se levamos uma agulhada no dedo enquanto costuramos ou somos acertados por uma bola na barriga, experimentamos dores diferentes. Elas variam, como vimos, pela localização e pela intensidade, mas não só. Há diferenças no modo como as sentimos. A tabela abaixo mostra algumas possibilidades da distinção da dor segundo sua característica própria, sua sensação peculiar.

Tabela I - Proposta inicial de adaptação do Questionário de dor McGill para a Língua Portuguesa (fases 1 e 2)

1	5	9	13	17
1-ondulante	1-fisgada	1-vaga	1-amedrontadora	1-esparrama
2-tremulante	2-aperto	2-dolorimento	2-apavorante	2-irradia
3-pulsante	3-mordida	3-machucada	3-aterroizante	3-penetra
4-palpitante	4-cólica	4-dolorida		4-transfixa
5-latejante	5-esmagamento	5-em peso	14	18
6-em pancada	6		1-castigante	1-aperta
2	1-puxão	10	2-atormenta	2-adormece
1-pontada	2-estiramento	1-sensível	3-cruel	3-repuxa
2-choque	3-arrancamento	2-distendida	4-maldita	4-espreme
3-tiro	7	3-esfolante	5-mortificante	5-rasga
3	1-calor	4-rompendo		19
1-alfinetada	2-queimor		15	1-fria
2-perfurante	3-escaldante	11	1-miserável	2-gelada
3-facada	4-causticante	1-cansativa	2-alucinante	3-congelante
4-punhalada	8	2-exaustiva	16	20
5-lancinante	1-formigamento		1-maçante	1-aborrecida
4	2-coceira	12	2-incômoda	2-nauseante
1-aguda	3-ardor	1-enjoada	3-desgastante	3-agonizante
2-cortante	4-ferroada	2-sufocante	4-intensa	4-pavorosa
3-dilacerante			5-insuportável	5-torturante

Os sub-grupos de 1 a 10 representam respostas sensíveis à experiência dolorosa (tração, calor, torção, entre outros); os descritores dos sub-grupos de 11 a 15 são respostas de caráter afetivo (medo, punição, respostas neurovegetativas); o sub-grupo 16 é avaliativo (avaliação da experiência global) e os de 17 a 20 são miscelânea.

Essa tabela foi retirada da adaptação do questionário de dor de McGill.¹⁷ Ela, assim como a escala de dor de (2.1), também é utilizada por profissionais da saúde, em especial, fisioterapeutas e nos oferece uma lista ampla, porém não exaustiva, das possíveis características, das diferentes sensações que uma dor pode assumir.

2.4 As possibilidades combinatórias, os contrassensos e os espaços

Antes de prosseguirmos precisamos observar que nem todos os componentes do tipo lógico-gramatical dor precisam aparecer em uma sentença para que ela tenha sentido. Posso

¹⁷ Para a referência completa, ver bibliografia.

dizer, com sentido, apenas: “Ele tem dor na perna”, “Tenho fisgadas nas costas” ou “Meu cachorro está doente e tem dores intensas”. O que acontece é que nesses três casos, o tipo lógico-gramatical está pressuposto e opera determinando as regras para criarmos proposições com sentido.

Passamos assim ao tópico das possibilidades combinatórias e dos contrassensos. A partir do que estabelecemos podemos montar proposições tais como: “tenho dores moderadas nas pernas que são como um ardor”, “ela tem dores leves no pé, como uma fisgada”, “ele tem dores nos braços e na cabeça”, “sinto um formigamento intenso no joelho”, “tenho dores leves nas mãos que oscilam entre pontadas e pulsações”, “não tenho dor alguma no dente”, entre várias outras possibilidades. Mas temos também contrassensos como em: “ele tem dores intensas moderadas”, “o senhor G tem otalgia nas costas”, “tive cefaléia no dedão do pé”, “não tenho dor alguma nas costas, o que tenho é lombalgia” entre outros.

Na parte (3) e (4) tratarei de algumas complicações envolvendo a verificação das sentenças em que ocorrem dor, porém, antes de tratarmos desse tema, cabe indicar quais são os espaços para a verificação de tal sistema proposicional. – O tipo lógico-gramatical dor possui o “espaço da dor”, esse espaço pode receber evidências dos espaços dos sentidos e, do espaço coextensivo a esses: o espaço das sensações (OMETITA, 2018, p.156).¹⁸ Assim, se tenho a proposição “meu cachorro sente dores intensas” e ouço um gemido alto de dor (espaço auditivo) ou se vemos nosso animalzinho se contorcer (espaço visual) temos a confirmação de nossa proposição-hipótese. Se temos a proposição “eu sinto dores leves na cabeça”, para verificar essa proposição, basta que eu sinta efetivamente tal dor (espaço das sensações).

2.5 A dor fantasma

O leitor apressado retorna e conclui sem cautela que a localização não pode fazer parte do tipo lógico-gramatical dor, pois, há casos de dores fantasmas, ou seja, casos em que as pessoas continuam sentindo dores em membros que não mais possuem.

¹⁸ Apesar da tradução literal do “space-feeling” ser “espaço dos sentimentos”, opto aqui por traduzi-lo por “espaço das sensações”.

Para sanar a dúvida de meu leitor, irei sublinhar algo que talvez não tenha ficado claro acima, quando falei sobre “espaços”. As dores fantasmas são explicadas por fazerem parte do espaço da sensação e não do espaço visual, tátil, auditivo e etc. Ou seja, não estamos vendo ou sentido aquela parte do corpo da pessoa, não podemos verificar sua dor através desses espaços. Porém, a pessoa mesmo, pode ainda verificar sua dor em seu membro ausente, através do espaço das sensações (OF 55, 2005, p. 69-70; OMETITA, 2018, p.157).

3 A ASSIMETRIA DOS PRONOMES: “EU” E “ELE”

Na parte (1) vimos as ferramentas necessárias para compreendermos a gramática de Wittgenstein, a partir delas esclarecemos o tipo lógico-gramatical dor na parte (2). Esse tipo lógico será importante para quando confrontarmos, na parte (4), Stern em sua reconstrução das dificuldades geradas pela aplicação da linguagem comum ao dado imediato, fenomenológico.

Entretanto, antes de passarmos a (4) precisamos compreender como a aplicação da linguagem comum ao dado imediato afeta e coloca dificuldades ao tipo lógico-gramatical dor. Essa será a tarefa desta parte do artigo. Em (3.1) irei introduzir o problema com o argumento da linguagem do déspota e em (3.2) trato de dois *possíveis* sentidos/significados da palavra “dor” gerados pelo argumento do déspota e apresento o argumento das duas hipóteses.

3.1 A linguagem do déspota

O argumento da linguagem do déspota aparece nas *Observações Filosóficas* para possibilitar a eliminação de uma fonte de problemas filosóficos: o pronome “eu”. Essa eliminação parte de uma posição fenomenológica, pois, nos dados imediatos dos nossos sentidos, não há nada que possamos corresponder a um “eu” (CHILD, 2018, p.144). Entretanto, não se trata de eliminar tal pronome de uma vez por todas, até mesmo em suas ocorrências comuns, mas sim eliminá-lo em suas ocorrências filosoficamente relevantes (NETO, COF, 2017, p.143). Assim, embora possamos continuar o utilizando em nossa

linguagem comum, continuaríamos sabendo que ele não é essencial para a representação de boa parte dos fatos (OF 57, 2005, p.73).¹⁹

Embora interessante, não trataremos em detalhes a eliminação do “eu” na OF. Veremos essa discussão apenas na medida em que ela problematiza o tipo lógico-gramatical “dor”. Feita essa observação, o argumento do déspota se dá da seguinte maneira:

Poderíamos adotar a seguinte forma de representação das coisas: se eu, L. W., tenho dor de dente, então isso é expresso por meio da proposição “Tem dor de dente”. Mas, se é assim, o que agora exprimimos com a proposição “A tem dor de dente” é expresso da seguinte maneira: “A está se comportando com o L. W. se com porta quando tem dor de dente”. De maneira semelhante, diremos “Está pensando” e “A está se comportando com o L. W. se com porta quando está pensando”. (Pode-se imaginar um estado oriental despótico em que a linguagem é formada tendo o déspota com o seu centro e o nome dele no lugar de L. W.) É evidente que essa maneira de falar é equivalente à nossa no que diz respeito a questões de inteligibilidade e ausência de ambiguidade. Mas é igualmente claro que essa linguagem poderia ter qualquer um com o seu centro (OF 58, 2005, p.73-4).

Neste argumento temos três linguagens que eliminam o “eu”. A primeira delas me toma como centro, nela devo substituir “eu tenho dor de dente” por “há dor de dente” e “ele tem dor de dente” por “X se comporta como (eu) quando tem dor de dente”. Observem, “eu tenho” é eliminado e não apenas “eu”, isso será importante em (4). A segunda dessas línguas toma um déspota como seu centro, nela posso manter a substituição de “eu tenho dor de dente” por “há dor de dente”, porém, devo substituir a proposição “ele tem dor de dente” por “X se comporta como o déspota quando tem dores de dente”. A terceira língua toma alguma outra pessoa como centro, vamos supor, nesse caso, que seja você leitor.

Embora as três línguas eliminem o “eu”, se tomo a linguagem que me tem como centro e busco verificar a proposição “X se comporta como (eu) quando tem dores” preciso primeiro notar qual é o meu comportamento quando tenho dores e, em seguida, comparar com o comportamento X e assim verificar se ele efetivamente tem alguma dor. Na linguagem do déspota preciso comparar o meu comportamento quando tenho dores, ao

¹⁹ Digo aqui “boa parte dos fatos” e não apenas “dos fatos”, pois, podemos pensar em casos onde o “eu” permanece essencial para a representação. Por exemplo: se estou na fila de espera de um hospital e alguém pergunta: “quem está com dores de cabeça”, respondo: “eu tenho dores de cabeça”, aqui quero me distinguir de outros indivíduos. Podemos encontrar algo nesse sentido nas OF 64 (2005, p.77). Esse caso, porém, não é filosoficamente relevante.

comportamento do déspota, e só então, comparar com o comportamento de X, na proposição “X se comporta como o déspota quando tem dores” (ou “ele tem dores”). O mesmo se dá na linguagem que toma o leitor como centro.

Essa diferença faz com que a linguagem que me toma como centro seja especialmente adequada. Isso, pois, se tenho a proposição “eu tenho dores” (ou “há dores”) basta que eu sinta ou não para verificar ou falsear essa proposição; se tenho a proposição “ele tem dores” (ou “X se comporta como (eu) quando tem dores”) tenho que primeiro observar meu comportamento quando tenho dores e depois comparar este com o comportamento de X e, só então, me decidir se a proposição é verdadeira ou falsa. – E isso tudo já disse no parágrafo acima. – Se, porém, tomo a linguagem do déspota (ou a linguagem do leitor como centro) tenho uma etapa a mais de verificação. Preciso comparar o meu comportamento quando tenho dores ao comportamento do déspota (ou do leitor) e depois comparar o comportamento do déspota (ou do leitor) ao comportamento de X e, só então, me decido se a proposição é falsa ou verdadeira. – As linguagens se distinguem em sua aplicação no mundo (em suas respectivas verificações) (OF 58, 2005, p. 75).

3.2 Dois sentidos de “dor” e o argumento das duas hipóteses

Com essa assimetria relativa à verificação entre o “eu” e o “ele”, chegamos a dois sentidos em que a dor aparece nas proposições: (a) como dado imediato, fenomenológico, verificável pelo possuidor da dor e (b) como comportamento, intersubjetivamente verificável.

No sentido (a), segundo B. Neto, que cita a passagem 61 de *Observações Filosóficas* em COF (2017, p.148), temos uma *aparente* impossibilidade de atribuir dor a alguém e mesmo de verificar essa dor. Ressalto aqui o “aparente”, pois, defenderei adiante que esse não é o caso. No sentido (b), não temos uma assimetria entre os pronomes, podemos atribuir dor a outrem da mesma maneira que a nós mesmos com a *suposta* condição de que possamos ter dores sem senti-las (NETO, COF, 2017, p.149), ou seja, com a condição de que posso estar me comportando como alguém que tem dores, tendo efetivamente dores, mas não às sentindo, não tendo a experiência fenomenológica da dor. Ressalto o “suposta”, pois, também defenderei que esse não é o caso.

Wittgenstein apresenta essa assimetria entre os pronomes também de uma outra maneira, com o argumento das duas hipóteses. Tomando a dor no sentido (a), temos duas hipóteses: os outros homens também têm dores e os outros homens não têm dores e apenas se comportam como eu, quando as tenho (OF 64-65, 2005, p.149). Ambas hipóteses possuem a mesma verificação, as mesmas experiências que confirmam uma, confirmam a outra (NETO, COF, 2017, p.149-150). Elas possuem, então, o mesmo sentido.

4 A GRAMÁTICA DA DOR UNIFICA A FENOMENOLOGIA E A FÍSICA

A aplicação da linguagem comum-fisicalista ao dado imediato acarreta algumas dificuldades e problemas na filosofia, como Wittgenstein mesmo nos diz (OF 57, 2005, p.22). O pronome “eu”, o tipo-lógico gramatical tempo e o tipo lógico-gramatical dor, são imediatamente afetados por essas dificuldades. Persequimos na parte (2) o tipo lógico dor e na parte (3) vimos algumas dificuldades geradas nesse tipo pela aplicação da linguagem comum ao dado imediato: chegamos a dois *possíveis* sentidos de dor. Se considerarmos a física: a dor ganha o sentido de comportamento; se considerarmos a fenomenologia: ela tem o sentido de dado imediato.

Temos duas opções frente esse impasse: (a) adotar a postura de Stern (1995), de uma separação, independência e incomensurabilidade entre essas duas linguagens (física e fenomenológica) que só podem ser ligadas pela metáfora do projetor e pelo tipo-lógico tempo ou (b) adotar a postura de Child (2018), onde Wittgenstein busca uma compreensão da relação entre primeira e terceira pessoa (ou entre fenomenologia e física, dado imediato e linguagem comum) relativo a palavras envolvendo sensações. Adotarei a postura de Child e, no restante deste artigo, reconstruo a posição de Stern e lido com suas objeções, enquanto forneço as condições para a unificação do tipo lógico-gramatical da dor nessas duas instâncias.

Stern, em seu livro *Wittgenstein on mind and language* (1995), em especial no capítulo 5 onde trata da experiência imediata, primeiro estabelece uma drástica separação entre a linguagem fenomenológica e a linguagem comum-fisicalista e depois, trata das duas

pequenas e difíceis ligações entre ambas. Ele faz isso por meio da metáfora do projetor e, depois, pelo tipo lógico-gramatical do tempo.

Ele fala em um “mundo”, “reino” ou “nível” físico e outro fenomenológico, do dado imediato (STERN, 1995, p. 141-142; *ibidem*, p.154).²⁰ De um lado o secundário e do outro o primário. A linguagem faz parte do mundo físico e não do mundo experiencial (STERN, 1995, p. 141). Uma das possibilidades da linguagem encostar na experiência imediata, não pode ser expressa na linguagem senão através do uso de uma analogia: a linguagem comum-fisicalista ocorre como que no rolo de um filme em um projetor e a experiência imediata é a imagem na tela (STERN, 1995, p.149). No rolo do filme temos várias imagens que se avizinham em relações de passado, presente e futuro, nos permitindo hipóteses. Na tela temos uma imagem independente, incomensurável com outras imagens, sem vizinhas ou relações, apenas como o dado imediato (STERN, 1995, p.140-141).

Para Stern a relação entre a linguagem comum-fisicalista e o dado imediato é uma relação projetiva (1995, p.149). O tipo lógico-gramatical tempo ajuda a esclarecer essa relação. De acordo com a analogia do projetor, o tempo físico (ou da linguagem física) possui presente, passado e futuro, enquanto que o tempo da experiência imediata é “atemporal”, sem vizinhos. Stern, então, estabelece (citando Wittgenstein):²¹ “Se o mundo dos dados é atemporal, como podemos falar dele?’ Sua resposta nas Observações Filosóficas é que o mundo como ideia e linguagem fazem contato no momento presente. Os dois se conectam quando o que dizemos se torna verdade pelo que vemos – verificado pela observação” (1995, p. 154). Através da verificação que se dá no momento presente, temos a conexão entre a linguagem comum-fisicalista e suas hipóteses com a experiência imediata, a fenomenologia. O tempo da física (com presente, passado e futuro) se encontra com o tempo da experiência, (“atemporal”, sem relações com outras “imagens”), através do presente. Elemento esse comum a ambos.

Stern ao isolar e tornar independente os dois “mundos” (a linguagem comum-fisicalista e a experiência imediata) esquece a relação íntima de dependência entre eles. Como vimos em (1.2) e (1.4) proposições-hipóteses (da linguagem comum-fisicalista) só tem

²⁰ Segue a referência de algumas outras passagens onde Stern (1995) atribui essas características a separação entre a linguagem comum-fisicalista e a linguagem do dado imediato: p. 141, 142, 143, 147, 148, 154.

²¹ Stern atribui essa citação as seguintes passagens de Wittgenstein em uma nota de rodapé da mesma página citada: “Philosophical Remarks, §48; cf. MS 107, p. 222”.

sentido se possuem proposições-elementares (vindas da fenomenologia) que possam verificá-las. Em outras palavras, elas só são proposições se podem ser verificadas por proposições-elementares, caso contrário são contrassensos. As proposições elementares também dependem das proposições-hipóteses para terem uma função.

Stern isola a linguagem comum-fisicalista e a experiência imediata de maneira que só encontra possibilidade de câmbio entre ambas com o tipo lógico-gramatical tempo (que reforça a analogia do projetor). Ele ignora,²² porém, que as dificuldades geradas pela aplicação da linguagem comum-fisicalista ao dado imediato relativas a esse tipo lógico²³ é apenas uma das facetas do problema. Stern ignora o problema da fenomenologia e da física relativo ao pronome “eu” e relativo ao tipo lógico-gramatical dor (ambos ocupam todo o capítulo 6 de *Observações Filosóficas*). Wittgenstein não se depara com dois “reinos” isolados e estabelece alguma ligação entre eles com a analogia do projetor e a verificação no presente. O filósofo busca compreender a relação entre *expressões* em primeira e terceira pessoa, em vários âmbitos e tipos.

Reparemos na palavra destacada “expressões”, por ela compreendo proposições (sentenças). Aproveito para corrigir a posição de Child (2018): Wittgenstein não buscava compreender a relação de palavras de sensações entre primeira e terceira pessoa, buscava sim compreender as proposições onde as palavras ocorriam (não só aquelas relativas às sensações, mas, como vimos, também quanto ao “tempo” e ao “eu”). Pois, as palavras possuem sentido apenas em seus respectivos contextos proposicionais, como vimos em (1.3) com o princípio do contexto.

Assim, não se trata de dois sentidos da palavra “dor” a depender se a concebemos com a linguagem comum-fisicalista ou o dado imediato, e sim duas proposições submetidas às mesmas regras do tipo lógico-gramatical dor que *supostamente* apontam para dois modos de verificação distintos, para dois espaços distintos e isolados. Um fenomenológico (o espaço da sensação) onde o possuidor verifica sua dor e outro físico (os demais espaços dos sentidos tal como visão, audição e etc.) onde terceiros podem verificar a dor de um outro. Mas será esse o caso? O impasse ao qual chegamos em (3.2) nos obriga abraçar a posição de Stern?

²² Ao menos no capítulo 5 do livro *On mind and language* (1995).

²³ O tipo lógico-gramatical tempo possui, também, dois *aparentes* sentidos: o tempo da memória e o tempo da física. O primeiro se refere a fenomenologia e o segundo a física (WVC, 1997, p.98).

Há uma total separação entre a linguagem comum-fisicalista e a fenomenologia? Entre o dado imediato vindo da sensação e comportamento verificado por um terceiro?

Para todas as perguntas: não. Isso por quatro razões. A primeira delas é que não há problema algum em uma proposição-hipótese ser verificada por mais de um “espaço” (como o espaço da sensação e os espaços dos sentidos). Por exemplo: Se alguém me diz “sua camisa está molhada”, posso verificar tal proposição olhando em um espelho (espaço visual), perguntando a alguém se minha camisa está efetivamente molhada (espaço auditivo), ou sentindo a camisa molhada encostada em meu corpo (espaço das sensações).

A segunda das razões é: se tomamos a dor como comportamento (tal como (b) em (3.2)), ou seja, como algo intersubjetivamente verificável, sabemos que os outros têm dores, assim como sabemos que o dado da introdução possui os lados 1, 2 e 4 apesar de não o vermos (NETO, COF, 2017, p.150). Sabemos por hipótese. Sabemos que os outros têm dores apesar de não sentirmos.

A terceira das razões é a seguinte: ainda que tomemos a dor no sentido (a) apresentado em (3.2), ou seja, como dado imediato, fenomenológico, ainda assim podemos supor que os outros tenham dores através do argumento das duas hipóteses. Nesse argumento, tomando a dor como dado, tanto a hipótese de que os outros homens têm dores e a hipótese de que eles não têm dores e apenas se comportam como se tivessem, se equivalem, possuem o mesmo sentido. Pois, a experiência que verifica uma, verifica também a outra (NETO, COF, 2017, p.150).

Com a terceira razão, chegamos ao mesmo resultado caso tomássemos a dor no sentido (b), porém, temos apenas uma suposição, o que não é suficiente para nossos propósitos. Com a segunda razão, temos ainda a indesejável consequência acarretada pela identificação entre dor e comportamento, a consequência de aceitarmos que podemos ter dores sem sentirmos (NETO, COF, 2017, p.149). Por isso, precisamos de dar mais um passo, a fim de eliminar essa suposição e a consequência indesejada. Para tal, cito uma passagem onde Wittgenstein está lidando com as dificuldades da aplicação da linguagem comum-fisicalista relativas ao tipo lógico-gramatical tempo:

“É o mesmo com o tempo que com a cor. A palavra “tempo” também significa coisas inteiramente diferentes: o tempo das minhas memórias, o tempo das declarações de outras pessoas, o tempo da física.



Minhas memórias estão ordenadas. O tempo é a forma como as memórias são ordenadas. Assim, o tempo é dado em conexão imediata com as memórias. O tempo é, por assim dizer, a forma em que tenho memórias. Uma ordenação também pode ser alcançada de uma maneira diferente, por exemplo, por meio de declarações feitas por mim ou por outra pessoa. Se eu digo, por exemplo, ‘Este evento ocorreu antes, aquele depois’, então esta é uma ordenação totalmente diferente. Ambos os tipos de ordenação podem combinar-se, como por exemplo quando falo do grande incêndio de que ouvi histórias na minha infância. Aqui o tempo da memória e o tempo dos enunciados são, por assim dizer, sobrepostos um ao outro” (WVC, 1979, p. 98).

A passagem citada é intitulada de “verificação e tempo” e nela temos dois sentidos em que o tempo pode ser concebido: o tempo que é dado imediatamente pela memória (tempo da memória) e o tempo da física, que é também o tempo das declarações de outras pessoas. Embora separados na passagem citada, aproximo o tempo das declarações das pessoas do tempo físico com base na passagem 75 das *Observações Filosóficas* (OF 75, 2005, p.31). Após falar brevemente do tempo fenomenológico do dado imediato, Wittgenstein passa para o tempo físico e menciona, ao final, uma possibilidade de sobreposição de ambos os tempos.²⁴ Podemos pensar se esse não é o caso para o tipo lógico-gramatical dor.

O tempo da memória e o tempo físico se combinam quando o tempo da memória é utilizado e busca o modo como outras pessoas organizaram o tempo (o tempo físico), isso no exemplo, a respeito de um grande incêndio. No caso da dor, embora não diga diretamente como na passagem acima, Wittgenstein nos fornece o seguinte exemplo:

Suponham os que eu sentisse pontadas no joelho direito e minha perna direita estremecesse a cada dor. Ao mesmo tempo, vejo alguma outra pessoa cuja perna está estremecendo com o a minha e ela reclama de pontadas; e, enquanto isso está acontecendo, minha perna esquerda começa a estremecer com o a direita, em bora eu não esteja sentindo nenhum a dor no meu joelho esquerdo. Ora, eu digo: esse sujeito obviamente tem em seu joelho as mesmas dores que tenho no meu joelho direito. Mas que dizer de meu joelho esquerdo: não está ele exatamente na mesma situação que o joelho do outro? (OF 64, 2005, p.77)

Seguindo mais de perto a citação, temos “eu” sentindo dores intensas com a sensação de pontadas no joelho, retraindo a cada pontada. Tenho tanto uma sensação

²⁴ Traduzo por sobreposição o termo “superimposed”.

fenomenológica (a pontada), quanto um comportamento que a acompanha (o retrair da perna). Em seguida, vejo alguém X se comportando da mesma maneira e se queixando das mesmas dores que eu. Afirmo, então, que X tem as *mesmas* dores que as minhas. Após tal visão, meu joelho esquerdo passa a se comportar (passa a se retrair) da mesma maneira que o joelho direito e que o joelho de X e, então, vem a pergunta de Wittgenstein: meu joelho esquerdo não está na mesma situação que o joelho de X?

Embora ele não dê a resposta na passagem, ela é não. Com o joelho esquerdo estou apenas fingindo com meu comportamento, fingindo que tenho dores intensas tal como pontadas, sem uma sensação fenomenológica correspondente. Fingir ter uma dor não é o mesmo que ter efetivamente uma dor. Como vimos nas razões 3 e 4, não há nenhuma objeção em tomarmos que X tenha uma dor. Em nossa proposição-hipótese “X tem uma dor intensa no joelho que se dá em pontadas” estamos atribuindo a X certo dado imediato, fenomenológico, e o verificando com suas falas e comportamento. Nesse sentido podemos falar de certa sobreposição entre a fenomenologia e a física quanto ao tipo lógico-gramatical dor. A dor (do dado imediato) vem seguida de um comportamento e o comportamento tem seu correspondente na dor (do dado imediato).

Mas nosso problema ainda não está resolvido, um russelliano poderia nos objetar: “apesar dessa sobreposição, continuamos verificando apenas o comportamento e as falas de X, o dado imediato de alguém é algo privado e subjetivo ao qual não temos nenhum acesso” (AOP, 1951, p.136).²⁵ Wittgenstein, então, nos propõe uma nova perspectiva e nos fornece duas razões para abandonarmos a concepção de dado imediato expressa aqui.

A primeira delas é a seguinte: como vimos em (3.1) Wittgenstein propõe a eliminação do “eu” em ocorrências filosoficamente relevantes, sua eliminação é motivada, sobretudo, por uma tomada de posição fenomenológica (CHILD, 2018, p.144). Pois, não há nada na experiência imediata a qual podemos corresponder a um “eu” (OF 57, 2005, p.73). Por exemplo: se tomo a descrição fenomenológica do dado D6 apresentado na introdução, posso descrever os lados que me aparecem como: “vejo um quadrado branco com cinco bolinhas pretas ordenadas em x”, “vejo um quadrado branco com três bolinhas pretas ordenadas na diagonal” e assim por diante, posso descrever também o retângulo preto onde o dado se

²⁵ Por AOP abrevio *An Outline of Philosophy* de Bertrand Russell. Apesar de citar uma página específica de seu texto, todo o capítulo 12 (Physics and Perception) defende a privacidade da experiência.

apoia, o fundo branco com o qual contrasta, sem fazer nenhuma referência a algum “eu”. O “eu” não é essencial para a representação dos fatos (nesse caso). – Por isso, atribuímos o dado imediato a um “eu” que seja seu possuidor é um equívoco, pois não há nada como um “eu” no dado imediato.

A segunda das razões para não concordarmos com nosso opositor russelliano é a seguinte: tendemos a objetificar o dado imediato. Vejamos as palavras em que Russell coloca a percepção:

“Se, portanto, a física é verdadeira em suas linhas gerais (como supõe o argumento acima), o que chamamos de “perceber” um processo físico é algo privado e subjetivo, pelo menos em parte, e ainda é o único ponto de partida possível para nosso conhecimento de o mundo físico” (AOP, 1951, p. 136).

Toma-se o dado imediato (aqui vindo da percepção) como algo que se possui, que se tem em detrimento de outras pessoas. Vejamos o que Wittgenstein lhe responde:

“A simples expressão “Eu posso perceber X” é ela própria advinda das expressões da física, e X tem de ser um objeto físico — por exemplo, um corpo. Se essa expressão for usada na fenomenologia, em que X tem de referir-se a um dado, já se terá começado por um erro. Porque nesse caso, “eu” e “perceber” também não podem ter o mesmo significado de antes” (OF 57, 2005, p.73).

“A própria expressão “espaço visual” é inadequada para nosso propósito, já que contém uma alusão a um órgão dos sentidos que não é essencial para o espaço da mesma maneira com o é para um livro o fato de pertencer a uma pessoa particular; e poderia ser muito enganoso se a nossa linguagem fosse construída de maneira tal que não pudéssemos usá-la para designar um livro sem relacioná-lo com um possuidor. Isso poderia levar à ideia de que um livro só pode existir em relação a uma pessoa” (OF, 2005, p.85-6).

Se tomamos a expressão “eu percebo X” em sentido fenomenológico, assim como Russell faz, objetificamos o dado imediato. Tomamos o X como um objeto, como um dado D6 por exemplo, quando o que temos são apenas quadrados brancos com bolinhas pretas dispostas de uma certa maneira. Nessa expressão temos ainda o “eu” que pode ser eliminado, pelos motivos ditos acima.

Uma das consequências dessa objetificação do dado imediato, além de tomá-lo como um objeto físico, é sempre o relacionar a um possuidor, o tomar como privado a alguém.

Assim como o exemplo do livro, na segunda citação. Como se não pudéssemos conceber o dado imediato sem ser relacionado a uma pessoa.

Com o que foi dito, tendo essas duas razões em mente, Wittgenstein afirma: “A experiência de sentir dor não é aquela em que uma pessoa, “eu”, tenha algo. Distingo em relação a uma intensidade, uma localização etc., mas não um possuidor” (OF 65, 2005, p.77). E, também: “O espaço visual não pertence essencialmente a ninguém” (OF 71, 2005, p.77) e “O essencial é que a representação do espaço visual é a representação de um objeto e não contém nenhuma sugestão de um sujeito” (OF 71, 2005, p. 84). Fazendo as devidas mudanças, sabendo que aqui ele se refere ao tipo lógico-gramatical do espaço visual, podemos afirmar o mesmo para o tipo lógico-gramatical dor, ele não pertence essencialmente a ninguém. O tipo, como dito em (1), indica apenas as regras a priori para a construção de proposições com sentido e a identificação de contrassensos. Nesse caso, o essencial é representar a dor quanto sua intensidade, localização²⁶ e característica, e não sua relação com um possuidor.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aplicação da linguagem comum-fisicalista ao dado imediato (fenomenológico) gera dificuldades e erros filosóficos. Explorei neste artigo um momento específico dessa aplicação: as dificuldades levantadas pelo tipo lógico-gramatical dor. Não poderíamos examinar tais dificuldades sem a parte (1) onde tratei do projeto gramático-fenomenológico de Wittgenstein como um todo, seus componentes e conceitos relacionados e, também, a parte (2), onde descrevi o tipo lógico dor.

Sob a luz de tais partes, pude examinar a reconstrução feita por Stern das dificuldades geradas pela aplicação da linguagem comum-fisicalista a fenomenologia e, assim, apontei seus equívocos e assumi (ao mesmo tempo que aprimorei) a posição de Child. Vimos que

²⁶ Alguém poderia perguntar se a localização não poderia atrapalhar as conclusões às quais chegamos, visto que ela indica diretamente a um corpo e se pensamos em um corpo, estamos na física e não apenas na fenomenologia. Se esse é o caso, não estaríamos aptos a eliminar o “eu”, como proposto em (4) e em (3.1). – Penso, porém, que não há nenhuma dificuldade aqui. Podemos dizer, por exemplo, “há pontadas leves no pé” eliminando o “eu” e mantendo a localização.

Wittgenstein não se deparou com dois “reinos” separados, isolados e incomensuráveis e sim, buscou a todo instante, fornecer uma gramática que unificasse (que sobrepujasse) expressões em primeiro e terceira pessoa, da fenomenologia e da física, no nosso caso específico relativo ao tipo lógico-gramatical dor.

Recebido em: 01/05/2023

Aceito em: 07/09/2023

Publicado em: 24/12/2023



REFERÊNCIAS

CARVALHO, M.; CUTER, J.; ENGELMANN, M.; NETO, B. Fenomenologia, análise e gramática: comentário às observações filosóficas de Wittgenstein. Parte 1. São Paulo: Mundaréu, 2017.

CHILD, W. "Two kinds of use of 'I': the middle Wittgenstein on 'I' and the self." In: STERN, D. Wittgenstein in the 1930's. Cambridge: Cambridge University Press, 2018. p.141-157.

NUMERIC PAIN RATING SCALE. Physiopedia, 2022. Disponível em: https://www.physio-pedia.com/index.php?title=Numeric_Pain_Rating_Scale&veaction=edit§ion=2. Acesso em: 31 de janeiro de 2022.

OMETITA, M. "Pain and space: the middle Wittgenstein, the early Merleau-Ponty." In: KUUSELA, O.; OMETITA, M.; UÇAN, T. Wittgenstein and Phenomenology. Nova York: Routledge, 2018. p.141-160.

PIMENTA, C. A. M.; TEIXEIRA, M. J. "Questionário de Dor McGill: Proposta de Adaptação para a Língua Portuguesa." Revista Brasileira de Anestesiologia, vol. 47, nº 2, p.177-186, março-abril, 1997. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reesp/a/Vcc6wpJhs5cJdZ7rKjdKdsr/?lang=pt#:~:text=O%20question%C3%A1rio%20McGill%20%C3%A9%20considerado,%C3%A9%20o%20objetivo%20deste%20estudo.&text=Pain%20is%20a%20multidimensional%20and%20subjective%20experience>. Acesso em: 31 de janeiro de 2022.

RUSSELL, B. An outline of philosophy. Estados Unidos: George Allen e Unwin, 1951.

STERN, D. Wittgenstein on mind and language. Oxford: Oxford University Press, 1995.

WITTGENSTEIN, L. "Algumas observações sobre a forma lógica." Traduzido por Eduardo Coutinho Lourenço de Lima. Contextura, Belo Horizonte, vol. 1, n. 1, pp. 58-61, 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistacontextura/issue/view/223>.

WITTGENSTEIN, L. Investigações filosóficas. Traduzido por José Carlos Bruni. 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

WITTGENSTEIN, L. Observações filosóficas. Traduzido por Adail Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 2005.

WITTGENSTEIN, L. Tractatus Logico-Philosophicus. Traduzido por Luiz Henrique Lopes dos Santos. São Paulo: Editoria da Universidade de São Paulo, 2020.

WAISMANN, F. Wittgenstein and the Vienna circle. Estados Unidos: Basil Blackwell, 1979.

